



DIVERSIDADE NAS ESCOLAS:

DAS MONAS ÀS TRAVAS NO MEIO SECUNDARISTA.

Enrique Bruno Lima Martins

Universidade Regional do Cariri – enriqueblm@hotmail.com

RESUMO: Desde o século XX as lutas pela igualdade dos direitos entre pessoas de diferentes gêneros, sexualidades e etnias têm sido constantes. Todavia, o predomínio de atitudes e convenções sociais discriminatórias, em todas as sociedades, ainda é uma realidade tão persistente quanto naturalizada. O fato de tentarem externar aquilo que elas são as colocam em situações de violência e desigualdade. A discriminação em relação à sexualidade ou à identidade de gênero começam, muitas vezes, dentro da sua própria casa e, fora do lar, essas pessoas continuam a sofrer em diversos ambientes, inclusive dentro do âmbito escolar. Um dos fatores que contribui para que essa segregação ligada a sexualidade ou a identidade de gênero aconteça é o estabelecimento de uma norma hetero-cisgênero, ela é usada pra determinar o tipo de pessoa que embeleza os valores e representa a moral tida como certa para “higienizar” a sociedade. O período escolar é de fundamental importância para a construção de valores em uma pessoa. É nesse tempo em que aprendemos que existem pessoas das mais diversas formas e que manifestam o que são numa enorme pluralidade. E é aí também que aprendemos a lidar com essas diferenças e peculiaridades de cada um. A escola, como parte da sociedade, é influenciada pelos modos de pensar e de se relacionar que são estabelecidos pela sociedade, ao mesmo tempo em que os influencia, contribuindo para suas mudanças. Ao identificarmos situações de discriminações e preconceitos, vemos na escola as possibilidades de particular contribuição para mudança dessas questões. Diante disso, o projeto “Diversidade nas Escolas: Das monas às travas no meio secundarista” tem a intenção de entrar no âmbito escolar e discutir sobre essa normatividade hetero e cisgênero e questões de desigualdades entre homens e mulheres que têm sido disseminada no nosso social e tem atingido de forma categórica as escolas. E com isso acredita-se que essa desconstrução nesse meio acadêmico possa contribuir na luta contra o preconceito que tanto aterroriza a população LGBTT e as mulheres.

INTRODUÇÃO:

O preconceito, direcionado a qualquer grupo, nada mais é do que uma construção social baseada em um moral que predominou em algum período ou que foi idealizada por algum grupo segundo seus princípios e sua ética. Preconceitos como transfobia, homofobia, machismo e outros, são heranças de uma sociedade que baseou sua cultura em repulsa ao que era diverso e fugia de uma norma predita pelos que governavam. O Brasil e outros países, que fundaram sua cultura e foram governados por pessoas devotas a seguimentos religiosos que abominam a homossexualidade e demonizam pessoas transexuais, ou submetem a mulher a um lugar inferior ao do homem, criou uma norma onde mulheres e pessoas que não se encaixam num padrão hetero-cisgênero não poderiam ter seu devido lugar na sociedade. Desde que a luta da população LGBTT e das mulheres por igualdade começou, muita coisa em muitos lugares foram alcançadas para esse público, graças ao ativismo que tanto lutou por visibilidade. Hoje, mulheres ocupam espaços universitários e políticos. Em alguns países, pessoas do mesmo sexo já podem casar entre si. Mulheres transexuais e travestis, por mais que sejam muito poucas, já conseguem um emprego no mercado formal, já



podemos ver gays na política lutando por mais igualdade e visibilidade para a população LGBTT. Porém, o preconceito contra essa parcela populacional ainda é viva. Gays, bissexuais e lésbicas ainda apanham nas ruas por manifestar sua orientação sexual. Demonstração de afetos entre seus parceiros é algo repudiado e mal visto e que não deve acontecer em locais públicos. Cerca de 90% das mulheres transexuais e travestis são levadas à prostituição por falta de oportunidade no mercado formal e 73% delas evadem da escola. Esses fatos mostram que há uma urgente necessidade de que se fale sobre essas pessoas e que elas sejam vista e aceitas pela população. Mulheres ainda recebem salários inferiores aos homens exercendo a mesma função no trabalho e as taxas de violência contra a mulher ainda são muitas altas, principalmente no Brasil.

É preciso combater essa normatividade imposta que apaga a manifestação do diferente e impede que a diversidade de gênero e da sexualidade apareça. As pessoas devem poder romper padrões impostos sem serem criticadas ou excluídas do âmbito social, seja qual for. As regras normativas, que se opõem à maneira afeminada demonstrada pelo homem, ou à pessoa que não se identifica com o sexo designado ao nascimento, devem ser quebradas e combatidas e deve haver um acolhimento às vítimas dessas opressões.

As discussões sobre esses temas se mostram necessárias quando situações de preconceito se normalizam no cotidiano dos alunos. Quando um aluno demonstra um jeito afeminado de se comportar e logo é chamado de coisas como “marica” ou “mulherzinha”, aí, além da homofobia, se vê uma misoginia, usando o termo “mulher” como algo que pode ofender. Há casos também de pessoas transexuais que são proibidas de usar o banheiro designado a pessoas do sexo com o qual se identifica, por exemplo: uma mulher transexual não poder usar o banheiro feminino porque ela é vista como homem. Dentro dessa questão ainda podemos pensar no porquê de existirem banheiros separados para homens e mulheres. Essas atitudes reforçam a cultura segregacionista que tenta apagar gays, transexuais e travestis do âmbito escolar e educam o homem de forma machista inferiorizando a mulher, permitindo que tais casos aconteçam. Diante dessas situações que têm se tornado cotidianas no espaço escolar, acredita-se numa urgência que há em levar os assuntos como homofobia, transfobia e machismo para os alunos secundaristas e é essa a intenção do projeto. Trazer a discussão de uma diversidade que tem se mostrado tão presente nas escolas.

METODOLOGIA:

A metodologia a ser seguida nas escolas é de levar informações aos alunos sobre questões de sexualidade e identidade de gênero e machismo através de palestras e minicursos questionando ações e posições para o rompimento de padrões e barreiras que alimentam formas de preconceitos e segregações histórico-sociais. Crendo que a interatividade e a informação desconstruam nos alunos tais preconceitos que já vem lhes sendo impostos sem que eles nem percebam e então desenvolver neles uma postura crítica em relação ao processo de naturalização do padrão.

Para preparação dos que levarão informação para as escolas, acontecerá encontros para discutir sobre os temas em enfoque, reuniões com leituras de textos de pensadores da área. Haverá



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

momentos para discutir filmes na temática e até problematizar de outras formas no espaço universitário. Após esses encontros, depois de muitos debates e preparação acerca dos temas, levar-se-á as discussões aos acadêmicos secundaristas para trabalhar tais questões com palestras, rodas de debates e outras metodologias.

Após alguns encontros na escola que se iniciou o trabalho, se sugeriria a ideia de um núcleo escolar formado pelos alunos do colégio em que foram trabalhados os temas propostos para que eles deem continuidade aos trabalhos iniciados e continuem a reflexão e a luta contra a opressão no âmbito escolar. Esse núcleo poderia expandir as questões de gênero e sexualidade para outras questões, como etnia, questões religiosas e qualquer outra questão acerca das diversidades existentes na escola, trabalhando com palestras, panfletagens e outros tipos de intervenção que deem visibilidade a causa dessas minorias.

RESULTADOS ESPERADOS:

Desconstruir preconceitos formados em alunos, preconceitos esses que foram herdados de uma cultura opressora e indiferente com a diversidade e despertar o interesse deles de buscarem conhecer e até lutar por causas minoritária, como gênero, sexualidade, etnias e etc.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Referências Bibliográficas

Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

LOURO, Garcia Lopes. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade.* 2º Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

